A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 39 Março de 1970 Ano VI

VIVA O P. C. DO BRASIL !

A fundação do Partido Comunista do Brasil, em março de 1922, há quarenta e oito anos, foi um acontecimento de enorme importância na vida política do país. O proletariado brasileiro formara sua vanguarda política, seu estado-maior. Desde então, suas batalhas não se travariam às cegas, circunscritas aos objetivos puramente econômicos, visto que o partido do proletariado, inspirado no exemplo dignificante da vitória da Revolução de Outubro, na Rússia, colocava como sua meta a conquista do poder político, a transformação revolucionária da sociedade brasileira.

Nos anos que se seguiram à sua fundação, o Partido Comunista do Brasil, que havia aderido aos princípios do marxismo-leninismo e levantava a necessidade da solidariedade internacional do proletariado, colocou-se audazmente à frente das massas e dirigiu importantes movimentos. Percorreu um caminho glorioso, de lutas e campanhas memoráveis. Em grande parte, deve-se à ação consciente dos comunistas muitas das conquistas sociais da classe operária. Vanguardeando o povo, o Partido travou persistente luta contra o imperialismo e pela reforma agrária; foi a fôrça principal da luta contra o nazi-integralismo e a guerra. Liderou a Aliança Nacional Libertadora e a gloriosa insurreição de 1935, quando, pela primeira vez na História do país, o proletariado, unido a outras classes e camadas revolucionárias, procurou, de forma prática, através da luta armada, conquistar o poder político, derrocar os latifundiários e a grande burguesia e liquidar o domínio dos monopólios estrangeiros. Durante a Segunda Guerra Mundial, inúmeros foram os comunistas que marcharam para os campos de batalha da Europa, enquanto outros participavam junto ao povo da grandiosa campanha de ajuda à FEB. As campanhas pelas liberdades e a democracia sempre encontraram os comunistas nas primeiras filas. Um dos resultados mais positivos da atividade dos comunistas é o arraigado sentimento patriótico do povo brasileiro, seu ódio ao opressor estrangeiro, em particular aos imperialistas dos Estados Unidos.

Apesar de todos os êxitos que cabem aos comunistas, o Partido do proletariado não conseguiu conduzir o povo brasileiro ao poder político. Muitas são as causas objetivas e subjetivas que para isso contribuíram. O Partido Comunista do Brasil em sua já longa vida, sofreu a influência ideológica de outras classes e camadas da sociedade brasileira. As idéias pequeno-burguesas e, mais recentemente, as da burguesia nacional influíram negativamente na orientação política e na prática dos comunistas brasileiros. Tendências ora de "esquerda", ora de direita, tôdas de fundo oportunista, não-proletárias, impediram, durante um longo período, a formulação de uma estratégia e de uma tática corretas que levassem o povo brasileiro à vitória contra seus exploradores e opressores, nacionais e estrangeiros. O insuficiente domínio do marxismo-leninismo e da realidade brasileira, levou ao desenvolvimento do dogmatismo, da cópia mecânica, da falta de espírito crítico em relação à experiência estrangeira. Mesmo naqueles momentos em que a linha do Partido era, no fundamental, revolucionária, as formas de luta indicadas para a conquista do poder político foram, em sua essência,

Leia neste número:

(Continuação da 1ª página)

errôneas. No que se refere à forma principal de luta, por exemplo, mesmo quando o Partido preconizava o caminho da luta armada para a conquista do poder político, a entendia como uma repetição da Revolução de Outubro: a greve geral política seguida da insurreição armada.

Em 1962, quando os marxistas-leninistas romperam com os revisionistas seguidores de Prestes, que se haviam apoderado da direção partidária e adotado uma política capitulacionista e traidora, o Partido ingressou numa nova e extraordinária fase de sua vida. Nos últimos oito anos, foram efetuados passos bastante seguros no caminho da revolução brasileira. Dá-se uma mudança qualitativa no Partido. Num curto lapso de tempo, apoiado na experiência anterior e num aprofundamento do estudo do marxismo-leninismo e da realidade brasileira, os comunistas conseguiram elaborar uma correta orientação política, expressa no Manifesto-Programa, e uma tática revolucionária de união dos patriotas para enfrentar a crise, a ditadura e a ameaça de neocolonização do país pelo imperialismo norte-americano. O Partido Comunista do Brasil indica o caminho da guerra popular para resolver as contradições em que se debate o país e conquistar um govêrno popular-revolucionário. Diferentemente da fase em que, sob a direção de Prestes, um documento revogava o outro, as atuais posições dos comunistas brasileiros vêm sendo coerentemente complementadas em relação à compreensão anterior. Os princípios do marxismo-leninismo integram-se crescentemente com a realidade, com a prática concreta da revolução brasileira. Desenvolve-se a teoria da revolução em nosso país.

Grandes são os êxitos conseguidos pelo partito dos comunistas nesta nova fase de sua vida. Mas muito ainda falta fazer para levar plenamente à prática a linha revolucionária do Partido. "O Partido tem uma linha justa — assinala o documento de dezembro do Comitê Central. Mas isto não basta. É fundamental aplicar esta linha, expressá-la na atividade quotidiana. Um partido revolucionário vale principalmente pelo que faz e seus êxitos só podem ser aferidos pelo que realiza".

A questão que se coloca hoje ante os comunistas, do ponto-de-vista de sua organização, é a revolucionarização do Partido, a transformação ideológica que necessita realizar em suaas próprias fileiras com vistas a se tornar o instrumento das massas para fazer a revolução. Não basta romper com o revisionismo nos terrenos político, ideológico e organizativo. É indispensável levar mais adiante a luta: romper, também, nos métodos e no estilo de trabalho.

Métodos e estilo de trabalho revolucionarios implicam na necessidade do Partido unir estreitamente a teoria com a prática, isto é, aplicar sua linha revolucionária, de forma a que as palavras correspondam aos atos; ligar estreitamente o Partido às massas, aprender com as massas, sistematizar as experiências de suas lutas, das vitórias e dos fracassos, antes de querer ensinar às massas; utilizar o provado método da crítica e da autocrítica em toda a atividade partidária, pois êste educa os militantes à base dos seus próprios erros, ajuda a corrigir o falso quando se realiza um contrôle vivo e a tempo, atendo-se mais à análise das experiências como aspecto principal do que ao volume do trabalho realizado.

O estilo leninista de trabalho pressupõe que todos os militantes e dirigentes devem levar uma vida simples e de trabalho duro, saibam combinar o impulso revolucionário com o espírito prático, tenham decisão e audácia na realização das tarefas revolucionárias, na mobilização das massas e na superação das dificuldades. Também o combate ao burocratismo e à passividade constitui aspecto essencial na grande batalha em que se empenham os comunistas pela revolucionarização de seu Partido. "O comunista não teme a luta, liga-se às massas, põe em prática de maneira viva a linha do Partido e empenha-se, decididamente, em ações revolucionárias".

A revolucionarização do Partido é uma tarefa da maior atualidade. Para derrocar a ditadura e o imperialismo o povo brasileiro precisa de um partido de ação política, de ação revolucionária. Uma das maneiras de comemorar o quadragésimo oitavo aniversario de fundação do Partido consiste em travar a luta sem quartel contra as concepções oportunistas de direita e de "esquerda" que entravam a aplicação da linha partidária, em unir a teoria com a prática, em lutar contra o espírito conservador e rotineiro, em adotar um estilo de trabalho leninista. Emfim, revolucionarizar o Partido, torná-lo o autêntico instrumento do povo brasileiro na luta por sua emancipação nacional e social.

...ÇA DIÀRIAMENTE ... PORTUGUÊS:		
Rádio Pequim	Das 19:00 às 20:00 h	Ondas Curtas de 30, 31 e 41 metros
	Das 21:00 às 22:00 h	Ondas Curtas de 25 e 30 metros
Rádio Tirana	Das 18:30 às 19:00 h	Ondas Curtas de 25 e 31 metros
	Das 20:30 às 21:00 h	Ondas Curtas de 31 e 42 metros
	Das 22:00 às 22:30 h	Ondas Curtas de 31 e 42 metros
	Das 23:00 às 23:30 h	Ondas Curtas de 31 e 42 metros

Comentário Nacional

ESQUEMA FALIDO

A ditadura militar, ao entrar em seu sexto ano de vigência, agora sob a direção de Garrastazu Médici, continua a deparar-se com crescentes dificuldades para sua institucionalização. Mesmo a chamada classe política reacionária, sempre pronta a encontrar fórmulas de adaptação a qualquer regime antipopular e antinacional, vê um quadro político sombrio, cheio de perigos, em face do maior isolamento dos militares no Poder.

Daí a razão de os últimos pronunciamentos do general Médici virem insistindo na necessidade dos militares se unirem para consolidar o sistema instituído pelo golpe de 1º de abril de 1964. Nesse sentido, não só tentou justificar o AI-5, criticando o retardamento de sua promulgação por Costa e Silva, como resolveu apresentar uma série de medidas demagógicas e liberticidas com o intuito de "legitimar" e "legalizar" a ditadura imposta ao país pela fôrça das armas. Garrastazu proclamou o marechal Dutra, condestável do Estado Nôvo e patrocinador da Escola Superior de Guerra, como modêlo, por ter "unido" em tôrno de seu govêrno as cúpulas reacionárias do PSD, da UDN e do PTB, para cumprir objetivos antidemocráticos e entreguistas.

Em sua primeira entrevista coletiva à imprensa, Garrastazu deu ênfase à afirmação de ter sido êle um dos principais propugnadores do AI-5, o qual, assegurou, não será revogado tão cedo. Quis, assim, demonstrar que governa apoiado nas fôrças militares mais raivosas e fascistas e que busca reforçar êsse apôio com novas disposições reacionárias. Ao mesmo tempo — valha a confissão — teve que relatar que o arcabouço jurídico e político montado por Castelo Branco e defendido por Costa e Silva desmoronara em 1968 diante da verdadeira rebelião popular desencadeada contra a ditadura. Tal confissão prova, de forma eloqüente, que a ditadura militar só subsiste porque os generais fascistas voltaram a golpear violentamente as aspirações populares, através do AI-5, e prosseguem aplicando novas medidas de arbítrio e de arrocho.

Garrastazu Médici julga também poder fazer vingar os planos da ditadura recorrendo a novas promessas sôbre um falso desenvolvimento econômico e procurando unir elementos reacionários, assim como pela indicação de homens de sua confiança para os govêrnos estaduais e a "renovação" dos quadros políticos num parlamento servil, no qual a oposição burguesa do MDB teria o repugnante papel de mistificadora da opinião democrática.

Mas o esquema político do general-presidente tem tanta consistência como os castelos de cartas. Sua esperança de realizar uma "união sagrada" nos moldes da conseguida por Dutra, ou de concretizar uma "união" mais ampla ainda, está destinada a sofrer um revés tanto ou mais ignominioso que o sofrido pelo velho marechal fascista. Convém recordar que embora Dutra tivesse conseguido a "união" das cúpulas políticas dos partidos das classes dominantes, naquela época, para satisfazer os interêsses da reação interna e do imperialismo ianque, não tardou muito, em face da resistência democrática, a ver seus planos se esboroarem. Em 1950, o candidato de Dutra à presidência da República, foi "cristianizado" pela coligação PSD-PTB, que saiu em busca de Vargas para seu candidato e a fim de assegurar uma direção reformista e conciliadora ao movimento antiimperialista que se espraiava impetuosamente.

Desde então, as contradições entre a imensa maioria do povo e o imperialismo norte-americano e seus sustentáculos internos só fizeram aguçar-se. Recrudesceram as crises de govêrno no país. Em 1954, Vargas suicidou-se. Juscelino Kubitschek só tomou posse graças ao golpe de 1955. O presidente seguinte, Jânio Quadros, teve de renunciar. João Goulart, apesar dos compromissos e capitulações para se empossar, acabou derrubado pelos golpistas de 1964. E após 1964, as crises de govêrno continuam.

Tudo isso deu maior consciência ao povo de que êle não poderá conquistar a soberania nacional e a independência do jugo do imperialismo ianque nem obter as liberdades aguardando as soluções de cima, das classes dominantes, sem uma luta de vida e morte contra seus inimigos jurados. Sob o regime dos generais, o povo convenceu-se ainda mais que êles são lacaios fardados dos Estados Unidos, agentes dos latifundiários e da grande burguesia, incapazes de qualquer medida para preservar a independência e a soberania nacionais. Ao contrário, o povo constata que a ditadura militar, além de praticar tropelias contra os direitos do povo, de torturar e matar covardemente os patriotas que caem em suas garras, protege desavergonhadamente a minoria de exploradores nacionais e estrangeiros e obedece submissa aos ditames da reação interna e do imperialismo norte-americano.

As lições recebidas pelas massas populares e pelas correntes patrióticas e democráticas, nos últimos anos, sobretudo os ensinamentos a partir de 1964, indicam que é preciso preparar-se efetiva e pràticamente para responder à violência reacionária com a violência revolucionária. Os fatos provam que a ditadura só se mantém pela fôrça, acha-se mais isolada e não pode resolver os problemas cruciais do país. Por isto, o povo deve unir-se e agir com audácia para derrubar a ditadura e conseguir um regime democrático e popular.

Panorama Internacional

Nixon e a América Latina

Em sua recente mensagem "Sôbre o Estado do Mundo", Nixon deu especial atenção aos agudos problemas que enfrenta o imperialismo norte-americano na América Latina. Ao mesmo tempo que apóia as ditaduras militares que dominam os governos da maioria dos países do Continente, sob a inspiração e com o apoio de Washington, Nixon reconhece que os Estados Unidos "cometeram erros" em suas relações com as nações latino-americanas, erros que lançaram "sombras" sôbre essas relações. Os Estados Unidos — acrescenta Nixon — principalmente não acompanharam "as poderosas ondas de reforma que transformaram o mundo" e que "alcançaram também todo o Hemisfério Ocidental". Manifesta, por isso, grande preocupação com o nacionalismo, que "assumia tonalidades antiamericanas", tendo como pano de fundo enorme instabilidade política e social, crescente radicalismo político e cada dia maior violência dos povos em sua luta antiimperialista.

Diante de tão explosiva situação, o antigo paladino da "guerra fria" e da política de "posições de fôrça" resolve adotar outro comportamento, vestir nova roupagem e empregar uma linguagem mais compreensiva. Aparece como partidário da paz e — pasmem todos! — arauto de reformas. A saída — diz êle — para a crise de suas relações com os povos da América Latina, está em apoiar as "fôrças de reforma". E chega a proclamar que os governantes ianques estão "determinados a fazer refletir as fôrças de reforma tanto no nosso modo de pensar como em nossas atitudes".

Tendo em vista executar sua "nova política", Nixon não poupa esforços. Enviou Rockefeller ao Hemisfério para estudar a situação e lhe apresentar recomendações. Designou um grupo de seus assessores para elaborar um elenco de medidas tendentes a expandir as inversões dos capitais privados ianques "sem o desafio ao orgulho e prerrogativas nacionais" dos países latino-americanos. Decidiu reformular a malfadada e fracassada Aliança para o Progresso, classificada por êle de política paternalista. Falou na necessidade de desvincular dos empréstimos norte-americanos a obrigatoriedade de efetuar compras de mercadorias exclusivamente nos Estados Unidos. Prometeu reexaminar a revogação da Emenda Hickenlooper. E diante dos governos militares do Hemisfério, disse que iria enfrentar a questão de forma "realista".

Nôvo passo acaba de dar Nixon para convencer os "amigos" da América Latina de seus propósitos reformistas. Enviou à Bolívia, ao Peru e ao Chile seu sub-secretário para assuntos latino-americanos, Charles Meyer, um dos dirigentes da Sears Roebuck & Cia., que não está tendo missão fácil. As massas populares, especialmente na Bolívia, promoveram grandes manifestações de protesto contra êle, exigiram que se retirasse do país. Apesar disso, Meyer manteve conversações cordiais com os governantes dêsses países. E precisamente foi o general Ovando Cândia que expressou ao representante dos monopólios ianques "a satisfação do governo boliviano pela nova política exterior da administração Nixon, que reconhece a soberania e a dignidade dos outros países", o que, além de contrariar os sentimentos das massas populares bolivianas, sanciona uma mentira descabelada.

Na verdade, nem a "nova política" de Nixon reconhece a soberania dos países da América Latina nem seus planos de reforma modificarão em nada as condições de miséria e de opressão em que vivem nossos povos. E embora esteja sendo apregoada com ruidosa propaganda, essa política está fadada, como as anteriores, ao mais rotundo fracasso. As altissonantes promessas de Nixon de que "os Estados Unidos devem contribuir, não dominar", significam apenas uma cortina de fumaça para encobrir a terrível espoliação a que estão submetidos os povos latino-americanos por parte dos monopólios ianques. Para termos uma idéia mais atual dessa espoliação, basta examinar o volume dos lucros obtidos, em 1968, pelos capitais norte-americanos invertidos no Continente. Segundo fontes dos Estados Unidos, êsses lucros elevam-se a mais de 100%, isto é, atingiram 1.586 milhões de dólares, enquanto as inversões diretas de capitais privados nesse mesmo ano foram pouco mais de 1.300 milhões de dólares. Os lucros foram superiores em 816 milhões de dólares em relação aos auferidos em 1960. Por aí se pode verificar quem contribui para quem, e quais as fôrças que comandam as alavancas do poder no Hemisfério.

Entretanto, na mesma ou em proporção maior que a dos lucros, crescem a fome, o desemprêgo, o analfabetismo, as enfermidades e a falta de liberdades nos países do Continente. Por isso, torna-se inevitável o avanço do movimento revolucionário, democrático e nacional, na América Latina. Por isso, assistimos a novas e cada vez mais poderosas ondas da luta popular no Hemisfério. Por isso, adquire vigor o movimento guerrilheiro na Colômbia, na Venezuela, na Guatemala, na Nicarágua e em outros países.

LÊNIN E A LUTA ARMADA

Comemorar o centenário de Lênin, recordá-lo, consiste, sobretudo para os marxistas-leninistas, em seguir seus ensinamentos e guiar-se pelo seu exemplo, a fim de tornar vitoriosa a nobre causa da libertação do proletariado e das massas oprimidas do mundo inteiro.

Um dos princípios fundamentais do marxismo ao qual Lênin atribuiu importância capital e que desenvolveu criadoramente foi o da revolução violenta, o da luta armada, como meio de a classe operária conquistar o poder político, derrubar as classes exploradoras e reacionárias e impulsionar o progresso social. Dizia que educar sistemàticamente as massas sôbre a idéia da revolução violenta "constitui algo de básico em tôda a doutrina de Marx e Engels".

Ao estudar a necessidade do emprêgo da revolução violenta como lei universal da sociedade capitalista, Lênin demonstrou em que sentido caminhava a burguesia na época do imperialismo e revelou que um dos fatos essenciais e significativos do capitalismo contemporâneo era o armamento da burguesia contra os operários e as massas populares. "A fôrça, no século XX - assinalava êle — não é o punho nem o pau, mas sim o exército". Insistiu, por isso, em que o proletariado devia armar-se, aprender o manejo das armas e possuir um exército revolucionário. E acrescentava: "Só a fôrça material pode resolver os grandes problemas históricos e, na sociedade atual, a fôrça material é a fôrça armada".

Entretanto, Lênin estava longe de ser um maníaco da violência, como o julgavam e ainda o julgam os reacionários. Também não foi um partidário cego da guerra, como pretendiam que fôsse os pacifistas burgueses, os velhos revisionistas e os falsos socialistas. Tampouco era um aventureiro e adepto do terrorismo, como queriam Trotski e outros pseudo-revolucionários e contra-revolucionários. Lênin, como verdadeiro marxista, e lutando sob a autocracia tzarista, compreendeu que a insurreição armada era a via obrigatória para que o povo russo liquidasse o tzarismo e marchasse para o socialismo. Em conseqüência, empenhou-se com tôda a energi-

partido apto para cumprir sua missão revolucionária. O ideal do Partido, mostrava êle, em épocas de aguçamento da luta de classes, é transformar-se num partido de combate, num partido de guerra. Melhor: "uma fase revolucionária equivale, para os comunistas ao mesmo que os tempos de guerra para o exército".

Ao eclodir na velha Rússia a revolução de 1905, Lênin defendeu ardentemente a necessidade de o povo armar-se e agir com audácia para levar à vitória a insurreição popular. Em face do surgimento das guerrilhas, fruto da iniciativa das massas para contrapor-se ao terrorismo das fôrças armadas do govêrno tzarista, Lênin, em seu trabalho "A guerra de guerrilhas" criticou os que dentro do movimento revolucionário russo acusavam as ações guerrilheiras ~~como~~ signo de anarquismo ou terrorismo. Esclarecia que o marxismo deve reconhecer as diferentes formas de luta que se manifestam no curso do movimento das classes revolucionárias assim como prever o aparecimento de novas formas de luta. O papel dos comunistas não é inventar formas de luta, mas sim procurar generalizá-las, organizá-las e infundir consciência às massas sôbre essas formas. Tambem mostrava que o marxismo deve sempre e incondicionalmente enfocar as formas de luta do ponto-de-vista histórico-concreto.

Após a derrota da revolução de 1905, Lênin, longe de lamentar-se, como fizeram Plekhanov e outros elementos oportunistas, procurou tirar o máximo de lições do revés, a fim de que, sôbre essa base, o proletariado e as massas populares pudessem lutar ainda mais vigorosamente na futura insurreição, que sobreviria de modo fatal.

Respondendo nêsse período aos que proclamavam o progresso da técnica militar como fator de superação das velhas formas de luta e resistência popular, Lênin afirmava: "Sim, a técnica militar faz novos progressos. Podemos e devemos aproveitá-los para instruir os destacamentos operários. As guerrilhas de Moscou, em 1905, reclamavam como tática a organização de destacamentos de combate extremamente móveis e extraordinari-

inclusive de 2.

Prevendo, também, que a insurreição popular não podia adotar mais a velha forma de ações isoladas, separadas por espaço de tempo bastante curtos, Lênin concluiu que essa insurreição assumiria inevitavelmente o caráter de uma guerra civil prolongada e deveria ser concebida como uma série de batalhas separadas umas das outras por períodos de tempo relativamente longos e uma grande quantidade de pequenos encontros travados durante êsses intervalos.

Analisando, enfim, o papel do terrorismo, assinalou que os intelectuais russos suscitaram com seu heroico método de luta o assombro do mundo inteiro, mas que não alcançaram nem podiam alcançar seu objetivo imediato: despertar a revolução popular. E quando começaram as ações revolucionárias das massas, Lênin rejubilou-se com o fato, asseverando que, desde então, "o terror individual, êsse engendro da debilidade dos intelectuais, ficara nas regiões do passado. Em lugar de gastar dezenas de milhares de rublos e imensas fôrças revolucionárias para matar 'em nome do povo', se iniciam as ações militares juntamente com o povo".

O desencadeamento da Primeira Guerra Mundial imperialista de 1914-18 veio pôr à prova a conduta dos partidos da II Internacional, já então dominados pelos velhos revisionistas, assim como a dos pacifistas burgueses. Os dirigentes da II Internacional traíram a causa da luta contra a guerra imperialista e, ao invés de se oporem à carnificina provocada pela burguesia, procuraram envolver nela o proletariado e as massas trabalhadores dos seus próprios países. Lênin, liderando o Partido bolchevique, foi o que mais corajosamente combateu pelo cumprimento da palavra-de-ordem lançada pelo Congresso da II Internacional, em 1912, de converter a guerra imperialista em guerra civil para impedir a matança e instaurar o regime socialista.

Na polêmica que travou com os velhos revisionistas e com todos os oportunistas e reformistas, Lênin escreveu, em 1916, seu famoso trabalho "O Programa Militar da Revolução Proletária", no qual explica a posição dos comunistas diante da guerra e desenvolve as idéias básicas do marxismo sôbre o caráter das guerras. Nêsse trabalho, Lênin discutiu a palavra-de-ordem de desarmamento, mostrando que êste, embora fôsse o ideal do proletariado, não poderia ser alcançado sob o capitalismo. Por conseguinte, o lema do proletariado deveria ser não o desarmamento, mas sim o de armar-se para vencer, expropriar e desarmar a burguesia. Só depois disto, assegurava, é que os operários poderão colocar no lixo as armas de guerra. Antes, não. Indicou que se a classe operária não quiser continuar como escrava dos capitalistas deve aprender o manêjo das armas. Esclareceu que os comunistas não podem ser contra tôdas as guerras, pois existem as guerras justas, revolucionárias, tais como as guerras civis das classes exploradas contra as classes exploradoras, as guerras nacionais dos povos oprimidos contra seus opressores e as guerras defensivas dos países socialistas contra seus agressores capitalistas. E, diante do horror que as guerras despertam, Lênin aconselhava o proletariado a não se desesperar, porque nada teria de terrível se a sociedade capitalista, que sempre constituiu um <u>horror sem-fim</u> viesse a ter <u>um fim com horror</u>.

Lênin fundamentou igualmente a ideia de que na época do imperialismo, a luta contra êste é inseparável da luta contra o oportunismo em tôdas as suas manifestações. Combatendo o revisionista Kautski, cujo oportunismo encoberto considerava o mais perigoso de todos, Lênin dizia que não notar que o imperialismo se distingue pela tendência à reação e ao militarismo, significava rebaixar-se ao nível do mais dócil lacaio da burguesia. E sustentava que o militarismo não pode ser vencido senão pela luta revolucionária, pelo povo armado.

Por ter se apoiado firmemente nos ensinamentos do marxismo e por havê-los enriquecido nas novas condições históricas do imperialismo, levando-os à prática sem vacilações, é que Lênin foi capaz de conduzir os operários e os povos subjugados da Rússia Tzarista ao assalto vitorioso contra a burguesia e os latifundiários, acontecimento que marcou o início da nova era das revoluções proletárias e da ditadura do proletariado para todos os povos. Para a conquista do poder, Lênin explorou tôdas as possibilidades do desenvolvimento pacífico da revolução, reconhecendo, entretanto, que essas são extremamente raras. Aplicou criadoramente a orientação de Marx sôbre a arte da insurreição armada. Alcançado o poder, acompanhou passo a passo o processo insurrecional. Tomou a iniciativa da criação do Exército Vermelho e empenhou-se em sua formação e consolidação. Finalmente, dirigiu dia a dia o jovem Exército de operários e camponeses na guerra civil e na luta contra a intervenção imperialista estrangeira, até ver triunfante a causa da República Soviética.

A Revolução de Outubro provou que só através da violência revolucionária é que o proletariado e as massas populares russas puderam alcançar o poder, destruir o Estado das classes dominantes e instaurar um nôvo regime, verdadeiramente socialista. O caminho da Insurreição de Outubro foi o que Lênin traçou e levou a cabo genialmente, à frente do Partido bolchevique.

Cem anos depois do nascimento de Lênin e mais de 50 transcorridos após a Revolução de Outubro, a Humanidade vive uma grande época revolucionária. É o longo período das "dores do parto", antevisto por êle, até que a velha sociedade capitalista moribunda desapareça e, em seu lugar, trazida pela violência, surja a sociedade socialista.

A lei universal da revolução violenta, nêsse período, com a deflagração da II Guerra Mundial, com a guerra de resistência dos povos ao nipo-nazi-fascismo e a ascendente luta libertadora dos povos contra o velho e o nôvo colonialismo, tornou-se cada vez mais reconhecida. Os ensinamentos do marxismo-leninismo sôbre a luta armada não apenas foram confirmados como enriquecidos pela prática revolucionária dos povos. O grande discípulo de Lênin, J.V. Stálin, defendeu e desenvolveu as idéias do marxismo-leninismo sôbre a luta armada, sobretudo na Grande Guerra Patriótica do povo soviético contra a agressão da Alemanha fascista. À luz da longa prática da luta revolucionária do povo chinês, e aplicando de forma viva e criadora a teoria marxista-leninista sôbre a revolução violenta, o camarada Mao Tsetung elaborou a concepção e o método da guerra popular como o caminho da libertação dos povos oprimidos do jugo do imperialismo e da reação. Formulou a famosa tese de que "o poder nasce do cano do fuzil" e assinalou que a tarefa "central e a forma superior de uma revolução é a tomada do Poder por meio das armas, é a solução do problema por meio da guerra. Êste princípio marxista-leninista tem validade universal, tanto na China como nos demais países".A vitória da Revolução Chinesa constituiu uma poderosa demonstração da fôrça do marxismo-leninismo e do pensamento de Mao Tsetung.

Não obstante, pela própria dialética do desenvolvimento histórico, o imperialismo e a burguesia reacionária, travando uma luta desesperada para salvar-se, engendraram o revisionismo contemporâneo com o objetivo de dividir e destruir o movimento comunista internacional e sufocar a luta revolucionária dos povos. As idéias revisionistas, antimarxistas--leninistas, as ilusões pacifistas, começaram a ganhar corpo e a ser defendidas pelos Earl Browder, nos Estados Unidos, pelos Tito, na Iugoslávia, pelos Togliatti, na Itália e terminaram por triunfar, com Kruschov, no próprio Partido fundado por Lênin. Com efeito, após a morte de Stálin, o revisionismo usurpou o Poder na União Soviética e no Partido dos bolcheviques e passou a ser o principal porta-bandeira das idéias oportunistas e contra-revolucionárias que Lênin e Stálin combateram sem vacilações durante tôda a vida.

Sob a direção de Kruschov, o XX Congresso do PC da União Soviética apresentou com grande estardalhaço a tese da "transição pacífica", ou seja, do caminho parlamentar para alcançar o socialismo; considerou caduca a tese de Lênin sôbre a inevitabilidade das guerras na época do imperialismo e proclamou como princípio fundamental da política exterior soviética, a "coexistência pacífica". Segundo os revisionistas Kruschovistas, inaugurava--se no mundo um nôvo período de competição pacífica entre o capitalismo e o socialismo,competição que levaria os dois sistemas sociais a fundir-se. Propagaram que não havia mais razões para as guerras, pois com o aperfeiçoamento da técnica militar e a descoberta das bombas atômicas, o carater das guerras se modificara, a ponto de qualquer faísca poder incendiar a Terra e determinar a sua destruição. Tiveram o descaramento de apresentar a sua traição ao marxismo-leninismo e à revolução como obra criadora, como um desenvolvimento das teorias leninistas. Tergiversaram, negaram, combateram a lei universal da revolução violenta, temendo como à peste o caminho da guerra popular. Chegaram ao cúmulo de apresentar a figura e as ações de Lênin como as de um humanista vulgar, de um político liberal, adepto de um socialismo bem comportado, semelhante àquele de que nos falava o revolucionário francês Paul Golay: "um socialismo que serve à burguesia como regulador das impaciências populares, uma espécie de freio automático das audácias populares".

No terreno das tergiversações dos ensinamentos de Lênin, os revisionistas brasileiros também têm sido particularmente habilidosos para perspegar o caminho pacífico e fugir da luta revolucionária. Apesar de terem sofrido um desmentido às suas teses com o golpe de 1964, continuam a pregar o caminho pacífico, a via eleitoral e a "abertura democrática" para a conquista das liberdades e da independência nacional para o povo brasileiro.

Têm sido incalculáveis os prejuízos causados à luta revolucionária dos povos pela traição dos revisionistas contemporâneos. Sem dúvida, a vida se encarregou de mostrar que "o mundo sem guerras e sem armas" e o caminho da "transição pacífica", apregoados pelos revisionistas kruschovistas, não passaram de um engodo sinistro, de um infame crime praticado contra o movimento revolucionário proletário. Jamais a ameaça de guerra pairou tão sombriamente quanto hoje sôbre os povos. Jamais a corrida armamentista foi tão intensa como nos dias que correm. Por que persistem, então, os revisionistas contemporâneos em suas teses? Porque de há muito abandonaram o caminho do marxismo-leninismo e apenas usam o nome de Lênin para mistificar os povos e realizar sua obra de traição à revolução e ao socialismo. Por que os revisionistas brasileiros martelam, depois de 1964, sôbre as possibilidades de "reabertura democrática e pacífica"? Por que não têm mais nada em comum com as massas populares, são um bando de agentes da burguesia no movimento operário, contra-revolucionários, aliados encobertos da atual ditadura militar,

No centenário do nascimento de Lênin, os verdadeiros comunistas se conservam fiéis à sua memória e aos seus imortais ensinamentos. Lutam para aplicar e desenvolver o princípio fundamental da revolução violenta. Lutam para propagar e desenvolver a guerra popular, como único caminho capaz de levar nosso povo ao Poder e conquistar o regime democrático.

A Fala de Um Oportunista

O provecto sr. Luiz Carlos Prestes, decano do revisionismo brasileiro, saiu do seu prolongado silêncio para demonstrar que continua o mesmo: um irrecuperável oportunista de direita, irremediavelmente submisso à direção revisionista do PCUS. O fato ocorreu na Conferência Internacional de representantes dos Partidos "Comunistas" e "Operários" realizada no ano passado em Moscou. Prestes falou como representante do C.C. do Partido "Comunista" Brasileiro.

Nessa Conferência, que foi uma tentativa dos revisionistas russos e seus mais fiéis acólitos de tapar as rachaduras do revisionismo mundial, a intervenção de Prestes prima pela irrelevância. Nela não se encontra nada que se assemelhe a uma elaboração própria, a uma idéia nova, a um raciocínio um pouco mais audaz, mesmo no plano do revisionismo, como o falecido Palmiro Togliatti era ainda capaz de produzir. Prestes entôa a triste melopéia de sempre, repetindo os outros e repetindo-se a sí mesmo. Dizendo e se desdizendo a todo instante, aqui e ali surgem afirmações de sabor humorístico, como esta: "Podemos hoje, camaradas, a justo título orgulhar-nos pelo resultado alcançado (na Conferência - NR). ...Poder-se-ia objetar que algumas divergências existem entre nós. Trata-se de fato que ninguém pretende ocultar. O que sobressai, porém, ... é que são poucas as divergências, embora sérias" (o grifo é nosso). Já que é inútil tapar o sol com a peneira, Prestes poderia ter dito, com mais sinceridade que, tendo abandonado as posições de princípio, os revisionistas podem perfeitamente trocar rapa-pés numa Conferência, apesar de sérias divergências. Os partidos que preferem, até certo ponto, ser revisionistas por conta própria, como o Italiano, em vez de revisionistas por conta dos mandões do Cremlin, continuarão com a sua linha revisionista "nacional" independentemente dos rapa-pés e das Conferências.

A maior parte da intervenção de Prestes é dedicada à defesa incondicional do PCUS revisionista. Chega ao ponto de dizer: "Mais ainda, externamos a convicção de que, enquanto existir o imperialismo, o dever primeiro com que se defronta todo o militante comunista é o da defesa ativa e resoluta da União Soviética e demais países do campo socialista". Fica-se sabendo, assim, que — ao contrário do que se pensa — o primeiro dever dos revolucionários não é fazer a revolução dos seus próprios povos para derrotar o imperialismo. É defender a camarilha revisionista que dirige o PCUS, a qual, como é cada vez mais visível, concilia e se conluia com o imperialismo, num mesmo "complot" contra a revolução mundial. Nisso se resume a linha de Prestes.

Não é de estranhar, assim, que na parte da intervenção referente à América Latina e ao Brasil, Prestes reincida nas teses que constituem a essência do revisionismo brasileiro, desde 1958, e que tanto facilitaram o golpe reacionário de 1964.

"Em países ainda ontem submetidos a um regime político reacionário, abrem-se possibilidades de um processo democrático, enquanto noutros inverte-se a situação" — diz o informante, a respeito da situação latino-americana. "O imperialismo e as classes dominantes mudam de tática, para melhor defender seus interêsses, adotando ora um método de luta, ora outro..." O trecho é lapidar. Revela até que ponto os oportunistas estão enredados nas próprias falsificações e no próprio filisteísmo. Resulta que a abertura de "possibilidades de um processo democrático" constituem uma mudança da tática do imperialismo e das classes dominantes. Mas o Partido de Prestes não luta exatamente por essa abertura? É cúmplice, então, de uma manobra tática do imperialismo? E onde Prestes vê abrirem-se "possibilidades de um processo democrático" na América Latina? Tudo se reduz a êsse suposto movimento circular de repressão e "aberturas democráticas"? Qual é a tendência principal da ação do imperialismo na América Latina? É preciso ou não enfrentá-lo de armas na mão? Qual é a saída dêsse círculo infernal, para os povos latino-americanos? Prestes foge de responder a estas questões fundamentais como o diabo da cruz. Limita-se a dizer que "dia a dia são maiores as diferenças que distinguem o curso do processo revolucionário em cada país (da América Latina)..." e que "determina igual variedade nas formas de luta adotadas pelas fôrças democráticas e revolucionárias em cada momento e em cada país". Sente-se aí a preocupação de evitar polêmicas com o fidelismo a respeito da luta armada, à espera, possivelmente, de que êste se renda às excelências do caminho pacífico. Esta espera não é, certamente, inútil. A atitude de Prestes indica que êle procura apreender alguma coisa do raposismo político dos seus mestres, os revisionistas do PCUS.

Longos trechos da intervenção são dedicados a reconhecer o processo de desagregação e enfraquecimento do P.C. Brasileiro, coisa que era até há pouco negada. Falsificando os fatos, Prestes atribui essa desagregação à "atividade fracionista" promovida em nosso país pelos "dirigentes chineses do grupo de Mao Tsetung". Nêsse sentido, não é original. Os órgãos de informação do imperialismo e o aparêlho repressivo da ditadura apreciam o processo de cisão e reagrupamento dos comunistas em nosso país pelo mesmo ângulo. É uma tolice. O

do partido revisionista, resulta, fundamentalmente, da resistência ao revisionismo oferecida por um número crescente de comunistas brasileiros. Essa resistência data de muitos anos atrás, de antes do rompimento aberto do grande Partido Comunista da China com o PCUS revisionista. A luta mundial contra o revisionismo kruchovista certamente ajuda os revolucionários brasileiros. Mas êstes sabem que deverão, sempre, apoiar-se principalmente nas próprias fôrças e no potencial revolucionário do próprio povo brasileiro. Talvez seja difícil Prestes entender isto; não esperamos tanto. Na verdade, as violentas acusações contra o glorioso Partido Comunista da China, a pretexto das dificuldades que o seu grupo revisionista enfrenta, apenas tem o sentido de confirmá-lo como perfeitamente alinhado com o revisionismo do PCUS, como integrante do côro antichinês regido pelos brezhnev e kossiguin. O que, de resto, não constitui novidade e dispensa reafirmação.

E a respeito da saída para o Brasil? Prestes diz que a sua organização oportunista "procura unir-se a tôdas as fôrças antiditatoriais e organizá-las em ampla frente de ação, pelo isolamento e derrota da ditadura e sua substituição por um govêrno das fôrças antiditatoriais, que assegure a verdadeira democracia e o pleno desenvolvimento das lutas de massas pela emancipação e o progresso do país". Aparentemente, trata-se de mais um dêsses longos períodos, típicos de Prestes, que nada dizem. Engano. Essa frase recheiada de lugares-comuns diz tudo. Como o escorpião, ela tem o veneno na cauda. A parte final, por nós sublinhada, é esclarecedora. Prestes e seu grupo aspiram que a ditadura seja substituída por um regime que assegure "o desenvolvimento das lutas de massas" e apenas isto. Um retôrno, portanto, ao período de João Goulart. Evita, assim, a colocação da questão da conquista do poder pelas massas. E é essa questão — a do poder — que é preciso colocar. De outra forma, fica-se nos limites do tipo de luta contra a ditadura aceitável pelos setores burgueses da oposição. Enfim, há muito que Prestes colocou-se com gôsto dentro dêsses limites.

***

Dia Internacional da Mulher

A 8 de março, Dia Internacional da Mulher, são festejadas as conquistas sociais alcançadas pelas mulheres em todo o mundo.

Sob o capitalismo, a mulher se encontra em condições vergonhosas de escravidão, apesar dos esforços da propaganda burguesa em afirmar o contrário. É oprimida, inclusive em países capitalistas desenvolvidos, como os EEUU, e suas conquistas, no que diz respeito à liberdade e igualdade, são muito restritas. Encontra-se submetida à exploração capitalista, na humilhante posição de "escrava doméstica" ou na ainda mais humilhante posição de objeto de erotismo.

No Brasil, sob a ditadura imposta pelo imperialismo norte-americano, pelos latifundiários e grandes capitalistas, a esmagadora maioria das mulheres vive nas piores condições possíveis. Muitas, para ajudar o sustento da família, são obrigadas a trabalhar fora de casa, além de cuidar do lar e dos filhos. No campo, a mulher ainda é mais explorada e submetida aos preconceitos semifeudais. Não tem a mínima liberdade, nem mesmo, às vêzes, de escolher livremente seu companheiro ou de ficar solteira. Trabalha na lavoura e cuida da casa. Não raro, em certos lugares, ela é praticamente vendida pelos próprios pais. Nas atuais condições do Brasil, a tendência é a mulher continuar cada vez mais explorada e escravizada. E, também, a de lutar, ombro a ombro, com os que se batem pela liberdade, contra a opressão.

Para libertar-se, as mulheres brasileiras, de tão ricas tradições revolucionárias, terão de incorporar-se, cada vez mais, à luta popular. Inúmeras são as mulheres que participam ativamente do movimento revolucionário. Entram em greve com seus companheiros, realizam demonstrações e passeatas. Participam ativamente das ações revolucionárias e se portam dignamente ante as torturas e sevícias a que são submetidas pelos carrascos da ditadura. Sem dúvida, as mulheres brasileiras, que constituem mais de metade da população, incorporar-se-ão, em massa, à guerra popular que o povo brasileiro travará por sua libertação nacional e social. Inspiram-se nos gloriosos exemplos das heroínas do passado, no Brasil, e vêem, nas conquistas sociais obtidas pelas mulheres que vivem sob o socialismo na gloriosa China Popular e na Albânia socialista, o seu próprio futuro, pelo qual vale a pena lutar e, se necessário, dar a vida.

ABAIXO AS TORTURAS !

Os jornais noticiaram: "Civilitá Católica", periódico jesuíta que normalmente reflete o pensamento do Vaticano, publicou recentemente um trabalho que intitula de "Livro Negro" sôbre o Brasil. Trata de denúncias sôbre violências e torturas impostas aos presos políticos no Brasil. Outra notícia, também publicada na imprensa legal: o "Comitê para a Paz", da Comissão Pontifícia Justiça e Paz, condenou as "violências cometidas contra os prisioneiros políticos num país católico como o Brasil". Jornais divulgaram que a Associação Cultural Amigos da França, de Buenos Aires, enviou nota à embaixada brasileira na capital argentina, pedindo que esta interceda em favor da vida de Apolônio de Carvalho, combatente da revolução nacional-libertadora de 1935, da guerra da Espanha contra o fascismo e da Resistência Francesa contra os nazistas, que está sendo submetido a bestiais torturas em mãos dos esbirros da ditadura, na Guanabara. O jornal francês "Le Monde" noticiou que inúmeros patriotas estão sendo torturados brutalmente nas masmorras da polícia política e em quartéis do Exército, e que, inclusive, fôra assassinado o escritor Mário Alves. Um jornalista sueco, na capital da Inglaterra, diante das afirmações do embaixador brasileiro em Londres, negando a existência de torturas nos cárceres de nosso país, pediu a constituição de um Comitê Internacional para investigar a veracidade das inúmeras denúncias de sevícias a que estão submetidos os presos políticos.

Prossegue, assim, com intensidade, no exterior, a campanha contra as torturas aos presos políticos em nosso país. Dessa campanha participam personalidades e instituições de tôdas as tendências, inclusive conservadoras, como são os órgãos do Vaticano acima mencionados. O mundo não tem a menor dúvida a respeito do caráter sanguinário da ditadura dos generais no Brasil.

No país, também se desenvolve a campanha de denúncias contra as torturas. Alguns órgãos da imprensa burguesa, timidamente, chegaram a citar alguns casos. As corajosas denúncias feitas por alguns dos torturados ao serem levados a julgamento, muito têm ajudado a esclarecer a opinião pública e romper a barreira do silêncio com que a ditadura tenta esconder seus nefandos crimes. A campanha se faz, no entanto, principalmente por meios clandestinos e se dirige para o povo, visando a esclarecê-lo. Em muitas capitais do país, como Salvador, Recife, Fortaleza, Goiânia e na antiga capital brasileira, os muros estão cheios de inscrições denunciando as torturas. Boletins, às dezenas de milhares, têm sido distribuídos.

A campanha vem ganhando vulto e obriga os generais e seus prepostos a fazerem no país e no exterior, repetidos desmentidos que são contrariados pelos fatos denunciados. É preciso intensificar a campanha, levá-la a tôda parte, às escolas e às fábricas, ao campo e às cidades. As denúncias contra as torturas e os torturadores devem ser precisas, concretas, convincentes e pormenorizadas. Esta é uma das formas de tentar deter, ainda que por momentos, nas atuais condições, o braço dos algozes. As denúncias contra os crimes cometidos pelos chamados Esquadrões da Morte, organizações policiais que já mataram atrozmente centenas de pessoas, têm calado fundo na opinião pública e provocado o protesto até mesmo de jornais que apoiam o govêrno. Por outro lado, a campanha contra as torturas revelará, ainda mais claramente, a verdadeira natureza da ditadura militar imposta ao país, sensibilizando pessoas que ainda se mantêm indiferentes à luta de libertação nacional.

***

APENAS UM ESBIRRO-MÓR

"E aqui me faço solidário com todos aquêles que, no anonimato e com risco da própria vida, agentes injustiçados da segurança dêste País, enfrentam de peito aberto a contestação, a violência, a libertação dos instintos, o desrespeito à lei".

Êste trecho da "conferência" que proferiu na Escola Superior de Guerra define a vocação policialesca de Garrastazu Médici. O ex-chefe do SNI faz esta declaração de integral apoio aos torturadores e assassinos num momento em que, no mundo inteiro, das fontes mais insuspeitas se erguem protestos indignados contra a brutalidade da repressão policial em nosso país.

Êsse fazendeiro de Bagé, representante de um dos mais tradicionais redutos da reação latifundiária no Rio Grande do Sul, revela bem o que é: apenas um chefe de capangas, um esbirro-mór. É, em última análise, o responsável número 1 pelas torturas e assassinatos de presos políticos inermes, rotina nesse Brasil dos generais.

A declaração é ridícula. "No anonimato" — sim, porque receiam revelar seus nomes. "Risco da própria vida" — ou melhor, de preferência com risco da vida dos outros, praças e soldados principalmente, que os oficiais e chefes da repressão tratam sempre de mandar na frente, nas suas "heróicas" diligências. "Agentes injustiçados" — não, apenas ainda não justiçados, o que é diferente. E, de resto, cães-de-guarda da camarilha militar, merecedo-